

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TALISSA NATANA DA MAIA

**ANIMAIS E OBJETOS DO COTIDIANO: MEMORIAL DO PROCESSO DE CRIAÇÃO
ARTÍSTICA.**

MATINHOS

2019

TALISSA NATANA DA MAIA

**ANIMAIS E OBJETOS DO COTIDIANO: MEMORIAL DO PROCESSO DE CRIAÇÃO
ARTÍSTICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação de Licenciatura em Artes, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas

MATINHOS

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

TALISSA NATANA DA MAIA

ANIMAIS E OBJETOS DO COTIDIANO: MEMORIAL DO PROCESSO DE CRIAÇÃO
ARTÍSTICA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação de Licenciatura em Artes em 05 de julho de 2019, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em artes.

Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas

Orientadora – Câmara de curso de Licenciatura em Artes – Setor Litoral,
Universidade Federal do Paraná.

Profa. Dra. Giselly Brasil

Câmara do curso de Licenciatura em Artes – Setor Litoral, Universidade Federal
do Paraná.

Profa. Dra. Luciana Ferreira

Câmara do curso de Licenciatura em Artes – Setor Litoral, Universidade Federal
do Paraná.

Matinhos, 05 de julho de 2019.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos neste trabalho serão direcionados a todos que de alguma forma me incentivaram nesse trajeto dentro do que eu amo respirar, que é a arte. Primeiramente aos meus avós, que financeiramente me incentivaram, em meio ao contexto deles, a ter um futuro no campo da Arte, depositaram sua confiança em mim, o que abriu muitas portas que mudaram minha trajetória de vida. Minha orientadora Ana Elisa, que esteve do meu lado em todo o percurso acadêmico, além da carga teórica e de vivência que acrescentou, é uma mulher inspiradora que me trouxe uma visão humana sobre educação. A professora Luciana Ferreira que me apoiou de inúmeras formas e inspirou minha atuação no campo das artes visuais, quando eu já havia desistido. Ao meu companheiro Guilherme Gustavo Florêncio, que me deu forças em meio aos meus problemas de saúde e me incentivou em minha caminhada artística. Aos meus amigos que sempre estiveram do meu lado e me deixaram ser quem eu sou perto deles. A sensação de sair do campus da UFPR Litoral é indescritível e carrega uma gratidão maior do que eu poderia descrever em palavras, a todos envolvidos em minha formação como docente e como ser humano.

“Só o amor e a arte tornam a existência tolerável.”

W. Somerset Maugham

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade "Memorial do Processo de Criação e Produção de Obra Artística", reúne obras da série intitulada "Animais e objetos do Cotidiano", contendo desenhos figurativos em perspectiva surreal de elementos presentes em nosso cotidiano e que, deslocados para o campo criativo, passam a compor o repertório de fiéis companheiros de minha trajetória artística. É o próprio olhar sobre os objetos do cotidiano, e o encantamento do devaneio, que constitui a sutil ligação entre as obras na série. Antes de estabelecer uma linha de continuidade entre elas, busca-se tecer uma constelação que possibilite, como num texto, narrar uma história, assumindo uma perspectiva expográfica que, subliminarmente, fornece pistas das referências e inspirações da criação artística. Nesse percurso, o trabalho busca também revelar, além das obras autorais concluídas, as referências artísticas e acadêmicas que influenciaram a pesquisa e obra autoral. Dialogando com os referenciais, as obras são porta de entrada para um passeio por movimentos históricos tais como o surrealismo, expressionismo e arte contemporânea. As obras são acompanhadas de uma breve descrição das técnicas e suportes utilizados no processo de criação, como materiais e dimensões. Por fim, o estudo discute a importância do auto reconhecimento do arte-educador como artista para que sua enunciação no campo da arte-educação seja potente e transformadora.

Palavra Chave: Animais e Objetos do Cotidiano. Processo Criativo. Arte Educação. Artes Visuais

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper, in the "Memorial of the Process" modality "Creation and Production of Artistic Work", reissues the works of visual arts at work in recent years, addressing the process of creation during my Bachelor of Arts course at UFPR, Litoral. The text presents the series entitled "Everyday animals and objects", containing perspective figurative drawings with surreal elements present in my daily life and that, in the creative field, they compose a repertoire of faithful companions of my career. The very look on the objects of daily life and the enchantment of the daydream, which constitutes a subtle link between the works in the series. Before establishing a line of continuity between them, we seek to weave a constellation that enables, as in a text, to narrate a story, assuming a perspective which subliminally provides reference cues and inspirations from the artistic ability. In this way, the book also seeks, besides the works completed, compounds, such as artistic and academic references that research and authorial work. Dialoguing with the references, the works are the door of entrance to a moving tour such as surrealism, Expressionism and contemporary art. The works are accompanied by a brief description of techniques and supports used in the creation process as materials and dimensions. Finally, the study discusses the importance of self-recognition of art educator as an artist for his enunciation in the field of art education to be powerful and transformative.

Keyword: Animals and Everyday Objects. Creative process. Art education.

Sumário

RESUMO.....	6
ABSTRACT	Erro! Indicador não definido.
1. Introdução	9
2. Direto ao ponto: criatividade e criação artística.....	11
1. “Coelho indo à festa”	15
2. “Touro Pontual”.	16
4. A galinha narcísea.....	17
5. O elefante introvertido.	18
6. Elefante com T.O.C.....	19
7. Girafa Indecisa contemporânea.	20
8. O rapaz não quer ser católico.	21
9. O cervo no bordel.	22
10. Cervo após cruzar o portão.	23
3. Inspirações.....	24
3.1.O movimento impressionista:.....	24
3.2 O surrealismo.....	27
3.4 O expressionismo e Munch:.....	29
4. Reflexões sobre a arte e aceitação do próprio cunho artístico:.....	30
5. Arte educação	33
6. Considerações finais	37
7. Referências	38

1. Introdução

Esse memorial apresenta minha trajetória e obra, durante o trajeto bibliográfico o percurso de formação como acadêmica do curso de Licenciatura em Artes no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Parte-se do princípio que o exercício da criação artística, mediante estudos técnicos que ofereçam suporte aos processos de criação, deve ser parte integrante da trajetória do arte-educador. Entende-se que o educador que vivencia a arte pode despertá-la com mais potência em seus educandos.

Imbuída de produzir e refletir sobre a própria obra, nesse sentido, procuro expor a série de criações artísticas abordar as referências que inspiraram meu o percurso de criação artística .

A série de obras “Animais e Objetos do Cotidiano” enfatiza os contrastes entre real e imaginário, primitivo e contemporâneo, natural e tecnológico, animal versus o humano. Os animais representados de forma figurativa, porém não realista, possuem expressões quase que humanas em seus olhares. Grande parte da obra aborda dualidades da vida. Para realçar os contrastes, investe-se no uso de cores quentes e frias nas mesmas obras, o uso do figurativo e abstrato e também as composições trazendo animais comuns de diversas espécies em oposição a objetos comuns usados no cotidiano social urbano e industrial.

Neste memorial, apresenta-se as referências que influenciaram na trajetória da produção das obras, com escrita bibliográfica. Inicialmente fiz um levantamento de obras produzidas ao longo dos anos, durante minha trajetória de vida, abrangendo período escolar e percurso acadêmico. As obras foram analisadas e foi estabelecido um corte conceitual que orientou a seleção de um conjunto de desenhos. Tal seleção considerou elementos em comum na composição das obras, tais como cores, técnicas e elementos gráficos. Dessa seleção emergiu o nome da série - Animais e Objetos Cotidianos – definindo o conceito e a temática central da produção.

Fazendo uma análise das técnicas de criação, matérias, processuais e referências utilizadas no percurso do processo de realização da arte, busca-se reconhecer os vários pontos presentes dentro de um processo de criação, reconhecendo sua natureza cíclica e espiral, composta de aproximações e afastamentos, idas e vindas, criação, dissolução, recriação, em cuja linha se verifica

a duração da obra dentro de um campo de incompletude. Efetivamente a duração contrasta com a incompletude, mostrando a parte efêmera do cunho artístico.

O trabalho escrito tem o objetivo de discutir a importância de conhecer-se e recriar-se como artista que tive no processo de formação como arte-educadora, dentro ou fora do contexto do ensino formal. Tal discussão é abordada a partir da análise e leitura de meu estudo, que por meio destas produções e processos formativos direcionou a pesquisa e ao autoconhecimento de minhas características como artista.

Este trabalho justifica-se frente ao desafio da formação no campo da arte-educação, que ao mesmo tempo desafia a produção artística e o domínio de processos educativos. Imbuindo-se do lugar duplo - de artista e educadora – buscou-se refletir sobre a dimensão conceitual que atravessa a própria obra, reconhecendo as técnicas e referências utilizadas. Parte da ideia que o arte-educador tem a necessidade de se reconhecer como artista para poder ser mediador e inspirar seus discentes. O objetivo de trazer obras que desvelam um percurso de criação que envolve pintar e repintar temas recorrentes, diz respeito a intenção de dar ênfase ao processo permanente de criar-se, recriar-se e refazer-se como artista, evidenciado nas múltiplas facetas da arte e do seu trabalho. Um pouco afastada da técnica do realismo, tenho o intuito de convidar o espectador, assim como a arte contemporânea, a interagir com a obra, despertando o animal/humano dentro de si.

Por meio da representação de objetos que aparecem recorrentes em meu cotidiano intercalados com elementos oníricos de meus próprios sonhos, numa via simultaneamente surrealista e expressionista, a partir da oportunidade de formalizar estes registros em meu Trabalho de Conclusão de Curso, o intento é gritar minha arte, assim como o fez o artista Edvard Munch, na obra “O Grito”.

2. Direto ao ponto: criatividade e criação artística

Um olhar sobre as referências utilizadas no trajeto, permite reconhecer que desde muito cedo tive contato com a arte. Morei por muitos anos na cidade de Joinville, estado de Santa Catarina, com minha tia artista visual e professora e com minha avó, que sempre praticou artes manuais. No Ensino Médio realizei o primeiro curso paralelo, o curso Técnico em Produção de Moda, que oportunizou mais contato com a teoria das cores e a perspectiva criativa. Um movimento muito recorrente na influência das obras que integram a série “Animais e Objetos do Cotidiano” é o surrealismo e, dentro desse movimento, os principais artistas que a influenciaram foram Luis Bunuel, Salvador Dali e Rene Magritte.

Desde muito cedo vivo a arte e isso não é algo que se resume a uma profissão, pois chega a ser respiração - metaforicamente expressando a condição vital de seu exercício.

Porém, mesmo trabalhando com a pintura a maior parte das vezes, minha intenção é desenvolver um estilo próprio e característico que traga os recortes de suas referências, mas não fique preso a um padrão de arte moderna. A admiração por muitos artistas contemporâneos, e as inovações na área da arte, favorecem um movimento em que artista e espectador têm espaço para tecer suas interpretações e os seus próprios trajetos perante as obras de arte. Rompendo com o movimento apenas da retina, mas trazendo uma reação e interação a produção estética. Embora parte do trabalho que produzi no decorrer da vida tenha sido descartado, seja em virtude de uma autocrítica exagerada, seja por uma auto avaliação que considerou os parâmetros técnicos precários, referindo-me a um possível realismo, o amadurecimento do processo de criação me levou a aceitação artística como condição de amadurecimento, trazendo em minha história a aceitação do traço próprio e trajetória perante suas produções artísticas.

Ao final do percurso formativo, é possível afirmar que é necessário entender-se como parte do processo de criação, para aprimorar-se e criar novas estratégias para lidar com um campo tão abrangente como a Arte, e estabelecer um lugar nesse campo.

O trabalho de Tânia Stoltz (1999) possibilitou compreender a relevância de traçar um panorama do estudo sobre a criatividade humana e seu papel na criação

artística, e mesmo como forma de libertação do homem. Compreende-se que a filosofia foi a primeira área do conhecimento humano a investigar a capacidade criadora do ser humano. Para essa autora, no século XX é possível identificar uma zona potente que emerge do cruzamento de arte e filosofia, tema perseguido por estudiosos do campo educacional. A partir da década de 1940, a Psicologia também abre espaço para a pesquisa científica do tema da criatividade, mirando no intento de aumentar seu desenvolvimento nos indivíduos.

Nessa linha do tempo, a autora destaca que, a partir dos anos 1950, o enfoque dos estudos passa a englobar novos paradigmas do campo da Psicologia, com destaque para o desenvolvimento do pensamento humanista, que visava a potencialidade humana. O desenvolvimento da neurociência abre o interesse para outras habilidades do cognitivo humano e as constantes e rápidas mudanças no mundo colocam o assunto em destaque. (STOLTZ, 1999, p.13-14).

Segundo Stoltz (1999) as definições para o que seriam a criatividade são inúmeras, a grande maioria dos pensadores citados pela autora relaciona a criatividade como uma forma de expressão pessoal, inerente aos seres humanos, ligada as necessidades de mudança, evolução e desenvolvimento, ou de resolução de problemas, que tem um resultado inovador, original ou coerente, oriundo de um processo criativo. Está ligada a capacidade de adaptação humana, à uma boa saúde mental ou capacidade de autorrealização ou até mesmo o contrário, aqueles que detém altas capacidades criativas, muitas vezes apresentam conseqüentemente doenças mentais. A criatividade aparece também dependente de fatores culturais e sociais e se manifesta de acordo com a oportunidades de cada indivíduo. Outras definições conhecidas de criatividade também a relacionam com uma espécie de dom divino ou capacidade restrita a artistas, inventores e cientistas.

A partir da década de 1970 a criatividade já era objeto de estudo dentro Psicologia e da Psicanálise. A autora destaca também as contribuições da Teoria das Inteligências Múltiplas (1995), que ampliou a visão sobre as capacidades humanas, destacando o indivíduo como um ser dotado de diferentes níveis de habilidades. A Gestalt alemã traz ao pensamento criativo conceitos como “reestruturação de um problema”, a questão do “pensamento produtivo” na elaboração de soluções e sua ligação com o conceito de “insight”. O pensamento humanista, também expoente nos estudos sobre a criatividade, destaca o homem enquanto um ser que busca sua

realização dentro da sociedade, e a capacidade de criação como um exercício de sua liberdade dentro desse meio (STOLTZ, 1999, 25-28).

Dentro de sua pesquisa, Stoltz (1999, p. 28- 30) enumera algumas fases abordando o processo de criação, com destaque para o modelo proposto por Graham Wallas em 1920, que consiste em quatro fases: preparação, incubação, iluminação e verificação.

Na primeira fase, explora-se um problema determinado. Na fase de incubação através do inconsciente busca-se uma combinação das ideias, para então surgir a ideia, ou insight, na fase da iluminação como uma possível solução do problema. A última fase faz referência a comprovação prática da ideia formulada.

Na caracterização do indivíduo criativo, diversos autores se ocupam em enumerar diversos traços que apresentam pessoas consideradas criativas, como sua capacidade de exploração com sensibilidade acerca das experiências, informações, busca pelo novo, são flexíveis, ambíguos, e identificam detalhes e usos inusitados para coisas, apresentam-se como sujeitos autônomos, intrépidos, mas ao mesmo tempo disciplinados, persistentes em seus objetivos, buscando sempre aperfeiçoarem-se e encontrarem novas ideias (STOLTZ, 1999, p.40).

Wolff (1982 *apud* STOLTZ, 1999), refere-se a arte como uma produção social, baseando suas afirmações no sentido de desmitificar a relação onírica entre arte e criatividade, colocando a produção artística como um produto derivado das necessidades da sociedade e encomendada por ela. Sendo que essa capacidade humana de realização é agenciada pelas estruturas vigentes, sejam matérias, ideológicas ou sociais, permitem e criam condições para a realização da ação humana. O artista é um produtor/mediador localizado entre essas estruturas, que ao invés de ser reconhecido como um criador nato, deveria na verdade ser denominado produtor. Esse produto ainda que cultural é resultado de uma intrínseca de rede de forças presentes na sociedade em que vive. Nas palavras de Stoltz, “assim a arte sempre retrata valores e ideologia, também a crítica da arte não pode nunca se considerar livre dos processos políticos e ideológicos, nos quais esse discurso se tem originado.” (STOLTZ, 1999, p.50).

Porém, o trabalho como produto da criação humana também reflete uma característica presente em todos os seres vivos que se refere a necessidade, no caso

do ser humano, as necessidades apresentam-se de maneira mais complexas do que nos animais que se satisfazem dentro de sua relação unificada com a natureza. Os seres humanos através do trabalho, satisfazem suas necessidades dentro da própria sociedade, é através dele que o homem se confirma como um ser consciente e livre. Com a ascensão do capital e a venda da força de trabalho, o homem fica com uma parte mecânica do processo de criação envolvido no processo produtivo do trabalho, tirando o sentido da atividade exercida, ou a criatividade relacionada ao labor, o trabalho vira instrumento de alienação, denunciado pela corrente marxista. Nesse sentido a Arte volta como um resgate da liberdade humana, pois através dela é possível que o homem encontre uma forma de exercer uma atividade criadora, um produto de seu trabalho, onde coloca um sentido e liberta-se da alienação. É nesse ponto que Stoltz (1999, p.63) vem em defesa da Arte-educação, como uma forma de educação transformadora da realidade humana e fomentadora da criatividade que oferece possibilidades de compreensão, fruição, consciência e liberdade.

Fruto de um processo de autoconhecimento, aceitação e liberação criativa, a série de desenhos que expressa animais lidando com objetos do cotidiano tem uma forte vertente surrealista, movimento que a autora admira desde muito cedo. Também aborda impressionismo e pontilhismo, em suas formas traz traços rudes e com seus pontos forma imagens de um jeito pictórico. Em relação as cores, existe uma forte presença de cores quentes, porém estas são contrapostas com cores frias. As obras exibem figuras expressionistas, como uma das inspirações, animais com expressões quase humanas em seus olhares e personagens “gritantes”. A sequência também expõe objetos que fazem parte do cotidiano de muitas pessoas, em suas vidas. A intenção futura é ampliar a produção em uma escala maior e realizar uma exposição com a temática.

Nas páginas a seguir as obras são reproduzidas, com uma breve descrição técnica e conceitual, que muitas vezes se perderam, dentro de suas incompletudes.



1. “Coelho indo à festa”

Tamanho: A4

Materiais: Nanquim, aquarela e acrílica sobre papel sulfite.

Descrição: Base sensível, traços grossos em contraponto com pequenas pontuações feitas por nanquim. Ligação por um fio entre os objetos e o animal. Contraste do mundo que abrange uma cor extremamente vibrante (quente) com as cores frias e acromáticas do círculo em volta do coelho e o coelho com objetos.

Ano:2018 - Tempo de execução: 1 ano



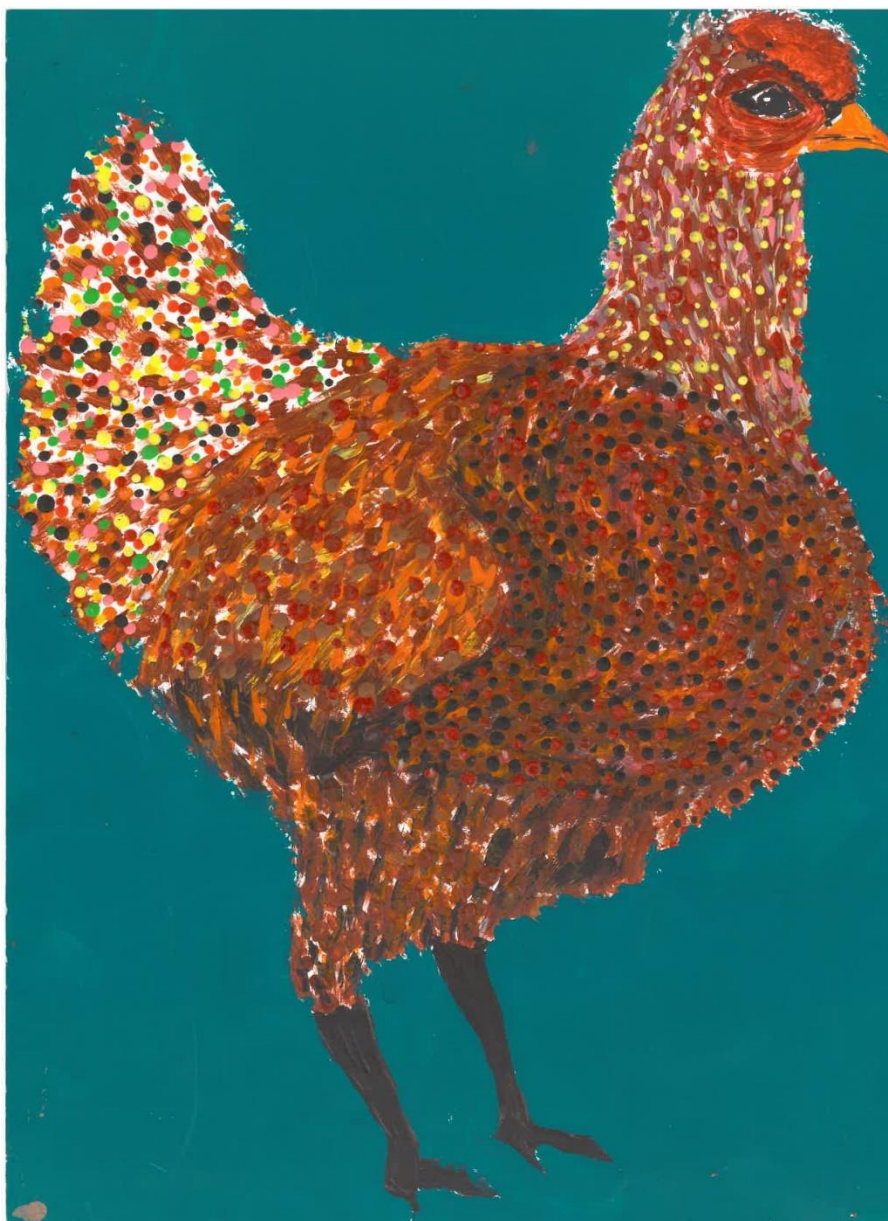
2. “Touro Pontual”.

Tamanho:A4

Materiais: Caneta Gel, Caneta Hidrográfica sobre papel sulfite azul.

Descrição: Desenho realizado sobre o ponto de vista de um touro cansado dos atrasos constantes no cotidiano humano, apresenta em sua composição o uso da caneta em gel, objeto muito utilizado no cotidiano por estudantes. Traz o contraste, sem ter definições, pois ao mesmo tempo que é um desenho quente, também pode ser frio. Então porque não poderia ser os dois? Assim como a caneta gel pode evaporar com o tempo, o touro pontual

também pode ir embora, por estar cansado de esperar as pessoas e evaporar. Metáfora do trabalho artístico.



4. A galinha narcísea.

Tamanho: A4

Material: Acrílica sobre papel canson.

Descrição: A galinha narcisista achou um belo dia para se admirar num rio, um profundo azul, e não há quem discuta com ela que a cor seja verde. Ela terá mil argumentos e estará ocupada observando suas belas penas e pontinhos que expressam sua beleza animal. Porém ocupada observando sua imagem, na cor do fundo da imagem, ela esqueceu que deixou uma sujeira, um pontinho tão quente quanto a sua cor pelo canto da obra.

Ano: 2019



5. O elefante introvertido.

Tamanho:A3

Materiais: Lápis Aquarela sobre papel.

Descrição: O elefante introvertido se retira do salão de festas, pois não tinha o que conversar com aqueles animais que ali habitavam. Não se sentia a vontade pra assistir aquelas cenas, achava chique demais para frequentar. O que expressa essa sensação é o cenário desproporcionar juntamente com o elefante, mantendo a linha do contraste de cores evidente e expressões quase que humanas nos olhares dos animais da autora.

Ano:2013



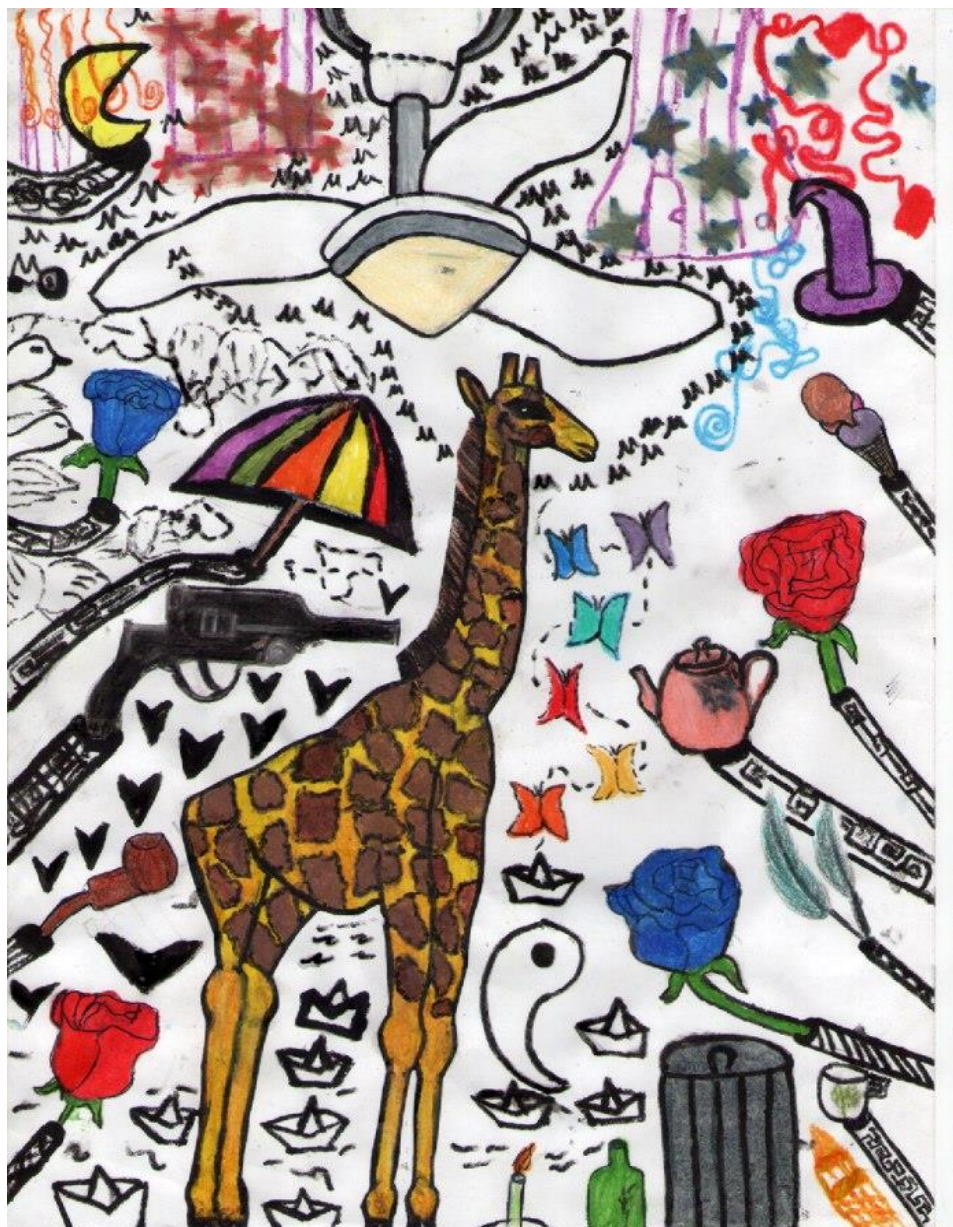
5. Elefante com T.O.C

Tamanho: A3 (também impresso em tela)

Materiais: Lápis aquarela sobre papel.

Descrição: O elefante obsessivo por limpeza, cansado demais para ver a si mesmo, continua limpando o salão e preocupado com as contas. Decorações de seres humanos na Savana. Contraste de cores presentes, traços rudes e grossos, pois ele não sente que tem amigos, mas gostaria de receber visitas, seu sofá com as madeiras cortadas indica a solidão do mesmo.

Ano: 2014.



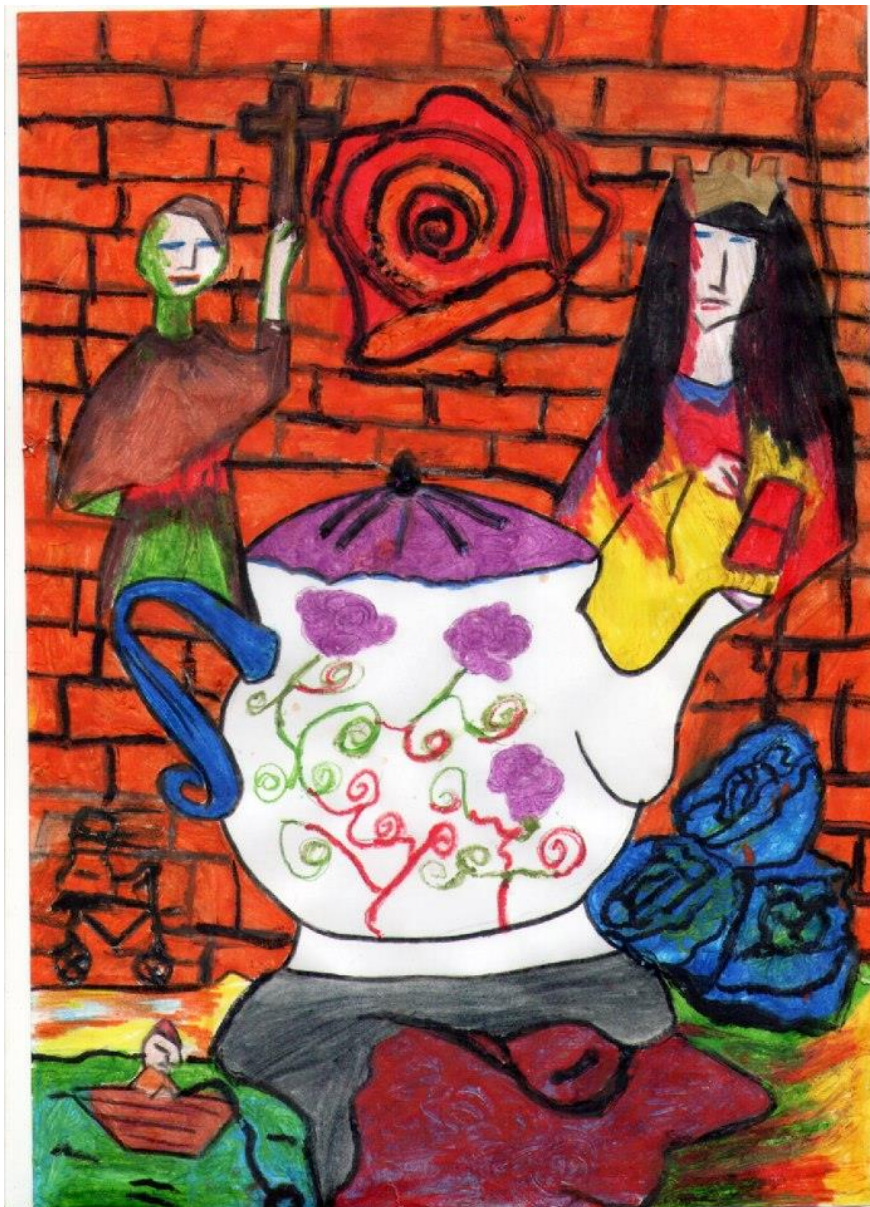
6. Girafa Indecisa contemporânea.

Tamanho: A4

Material: Lápis Aquarela sobre papel.

Descrição: A girafa se observa rodeada de opções e não sabe fazer uma escolha. Seu olhar em meio ao contraste das cores quentes e frias, demonstra a tristeza enquanto pisa em suas próprias lágrimas, estas que fazem os barcos de papéis navegarem.

Ano: 2011



7. O rapaz não quer ser católico.

Tamanho:A4

Material: Lápis aquarela sobre papel.

Descrição: Carregando um Bullet de chá, que dentro contem suas decisões, nascido em família hipócrita e católica, o rapaz ao navegar nas viagens de seus pensamentos tem medo da hipocrisia e da solidão que o rodeia, pois nasceu numa família católica, extremamente tradicional e preconceituosa. Ele tem medo da solidão, pois não se encaixa, não tem pessoas da família para conversar e tem pena dos santos que tem que olhar por tudo isso. Dentro das injustiças, ele navega em seus pensamentos e carrega seu Bullet de pensamentos, pois é a única coisa que pode fazer por agora.

Ano: 2011.



8. O cervo no bordel.

Tamanho: A4

Materiais: Lápis Aquarela/ veludo para pintar as unhas sobre papel.

Descrição: O cervo se encontra em um local cheio de novidade e belezas que não havia visto, tem que decidir se vai passar pelo portão. Dentro as cores contrastantes e os traços rudes que avisam dos perigos que pode encontrar no caminho. A cobra tenta convence-lo de entrar, e talvez seja uma cobra amiga.

Ano: 2015



9. Cervo após cruzar o portão.

Tamanho: A4

Materiais:

Descrição: Em um diferente cenário, porém tão contrastante quanto o anterior, o cervo cruzou o portão e pode viajar de “cabeça” em diferentes aventuras, estas que trouxeram um resgate da infância que sentiu ter perdido.

Ano: 2015.

3. Inspirações

Todo artista e arte educador tem sua trajetória de vivência e estudo, dentro disso leva referências que irão influenciar diretamente ou indiretamente suas obras. Neste tópico será feita uma descrição das inspirações mais recorrentes e usuais em meu dia-a-dia e história de vida.

3.1. O movimento impressionista:

Uma das inspirações e admirações que me impressionou no primeiro contato foi o impressionismo. De acordo com Gompertz (2013), a primeira exposição Impressionista foi realizada em abril 1874, em Paris, no ateliê de Maurice Nadar, famoso fotógrafo da burguesia francesa. A exposição do grupo composto por Monet, Renoir, Sisley, Degas, Morisot, a única mulher do grupo e Cézanne, tinha como objetivo desafiar a hegemonia da Academia que realizava uma exposição anual, o Salão Anual da Academia e que havia recusado os trabalhos inovadores dos artistas. (GOMPERTZ, 2013, p. 49-50).

De acordo com Coli (1998, p.33):

A palavra impressionismo tem hoje uma extensão menor que a adquirida em 1874, ocasião da primeira exposição do grupo, muito díspar, alias. Impressionismo, depois do artigo irônico e maldoso de Louis Leroi no *Charivari*, ficou denominando toda arte pouco ortodoxa ou maldita. Tanto Gauguin quanto Van Gogh, nitidamente distintos em sua pintura de um Renoir ou Monet, recebiam a denominação.

Monet, artista expoente do movimento, era caricaturista, passou a praticar pintura ao ar livre por influência de Eugène Boudin. Monet ia aos subúrbios e costas pintar cenários da modernidade francesa, caracterizado pelo lazer, novidade que havia nascido com a burguesia, que agora tinha um inédito tempo livre para aproveitar (GOMPERTZ, 2013, p. 56-57)

Mais tarde em Londres Monet pode ter contato com obras de artistas como John Constable, Whistler e provavelmente o artista que mais influenciou suas criações, J.M.W. Turner. As obras de Turner escancaram seu fascínio pelos efeitos da luz e dos temas modernos. (GOMPERTZ, 2013, p. 60).

Grande amigo de Monet, Pierre Auguste Renoir também se destacou dentro do movimento, principalmente por retratar personagens, de maneira íntima e com cores que irradiavam em suas telas. Renoir fez companhia a Monet em La Grenouillère na

costa próximo a Paris, onde os dois fizeram estudos decisivos para o movimento impressionista, ali Renoir compõe suas telas priorizando as pessoas na cena, com um estilo mais romântico que se tornaria uma marca do artista. (GOMPertz, 2013, p. 57-58)

Filho de um alfaiate, Renoir começou sua carreira pintando porcelanas e leques, foi somente quando se mudou para Paris aos 21 anos, que o artista teve oportunidade de estudar formalmente a pintura. Sendo admitido no atelier de Charles Greyre, lugar onde conhece alguns de seus amigos impressionistas, como Claude Monet (CIVITA, 1977, p.9). Embora Renoir, não fosse tão entusiasta quanto seus companheiros na luta contra a Academia, muitas outras vezes em sua vida o artista voltaria a tentar e expor suas obras nos Salões oficiais, desde a época em que inicia seus estudos no atelier, ele apresenta traços inquietos em seu estilo. (CIVITA, 1977)

Também ele, como poucos, retratou a cor, o instante real e passageiro da existência cotidiana. Buscou fragmentos de vida, quente e vibrantes, apresentados em cores reluzentes. Com isso mostrou não apenas uma extraordinária técnica e um estilo pleno de características pessoais, mas também o sentido vivo de um artista que soube acompanhar sua época e legar ao acervo cultural da humanidade obras de valor inestimável. (CIVITA, 1977, p. 8)

Para os impressionistas o importante em sua obra era o privilégio da luz natural de maneira a registrar as diferentes tonalidades que a luz do sol produzia sobre os objetos em momentos diferentes do dia. Os impressionistas queriam pintar a realidade tal qual seus olhos a viam, as impressões que as luzes causavam na retina. Em decorrência disso a estrutura formal dos objetos e da paisagem eram sacrificadas em favor dos efeitos a serem transmitidos. As características principais das obras do Impressionismo se baseiam nas “pinceladas *staccato*, o tema moderno (um porto em funcionamento), a priorização dos efeitos de luz sobre qualquer detalhe pictórico e a noção predominante de que esta é uma pintura para ser experimentada, não somente olhada.” (GOMPertz, 2013, p. 52-53)

Esteticamente, os impressionistas deram grande importância à natureza como fonte de inspiração: seus quadros fixam um determinado instante, onde se intercalam várias e sutis nuances de luz e cor. Para eles, o contorno rígido dos objetos retratados pelos acadêmicos contradizia a ação deformante da luz. As sombras, por sua vez, não estariam rigidamente delimitadas sobre os objetos, mas impregnadas de reflexos coloridos, dentro de um processo de múltiplas gradações. Também quanto ao tema os impressionistas rompem com os acadêmicos: elegem a luz solar como elemento predominante da pintura, e passam a buscar novas fontes de inspiração para suas obras, deixando de lado os tradicionais temas mitológicos e imaginários. Nesse sentido, ao buscar momentos do cotidiano, o Impressionismo chegou a manter uma tênue relação com o Realismo, principalmente através da influência do pintor realista Gustave Courbet (1819-1877). (CIVITA, 1977, p. 8)

Uma das referências inusitadas dos artistas do Impressionismo foram as gravuras japonesas que chegaram a Europa por volta de 1850, não raro era possível observar nessas criações uma priorização de elementos ou um arranjo inusitado dos elementos em cena, de modo a criar uma visualização mais agradável desconsiderando a realidade, para criar uma perspectiva singular ou uma sensação no observador. (GOMPertz, 2013, p.63)

A arte até a época dos impressionista tinha um papel muito importante na retratação da realidade, com o desenvolvimento da ciência, o surgimento da fotografia, os estudos sobre a óptica e a física, fizeram com que os artistas não tivessem mais essa necessidade, representando uma libertação do artista para experimentar e exprimir novas formas de ver o mundo em suas criações. “No impressionismo, após a decomposição do real, a luz é utilizada como o elemento de construção da matéria.” (ZANCHETTA, 2004, p.58)

Esse passo de liberdade dado pelos impressionistas e o constante avanço científico aliado com as experimentações abriu todo um leque de novas possibilidade para a arte que seria desenvolvida a partir do século XX e um grande passo que contribuiu para arte que temos hoje.

3.2 O surrealismo

O surrealismo outro movimento que me inspirou, e não menos importante, em meu ponto de vista para ser surrealista era necessária coragem no contexto em que surgiu. Este movimento é presente de forma inspiradora diariamente, vindo tanto pelo ponto de vista das artes Visuais, citando artistas como René Magritte, Salvador Dali, Miró e até mesmo cineastas como Luis Bunuel no campo do cinema. De acordo com Farthing (2011) o movimento surrealista teve seus primeiros sinais de surgimento em Paris, na década de 1920, o que viria a se tornar em alguns anos um dos mais relevantes “movimentos artísticos” na história da arte. O artista Breton (1896-1966) um dos precursores do movimento, defendia a ideia de que era necessário libertar seu inconsciente, trazendo à tona o propósito da criatividade para o estilo na época. Com influências dadaístas, o movimento do surrealismo, trazia artistas que buscavam novos “estados mentais” onde realizavam experiência com drogas, álcool, hipnose, sessões espíritas e transes. Praticavam jogos de respostas rápidas, discutiam os escritos do Psicanalista Sigmund Freud, e debatiam sobre seus sonhos, chegavam a ponto de inúmeras tentativas para expressar da melhor forma nitidamente o inconsciente humano. Como exemplo a este grande grupo histórico na arte, pode-se citar Salvador Dalí(1904-89), grande inspiração para a autora, este artista Catalão trabalhou muitas vezes com aparatos realsdifundidos em uma vida onírica, de acordo com Gombrich (2013,pg. 592.) nos mostra como os surrealistas não se contentava em apenas mostrar a técnica de forma crua, mas sim uma visão pessoal e onírica que ia além do que a realidade pode mostrar. Citando Farthing, um exemplo de ação surrealista, em relação a uma das obras do artista Dalí, este que era obcecado pela teoria geral da relatividade de Einsten, dizer ser simples questionar em seus relógios que derretem em sua pintura mais conhecida “A persistência da memória”, se o tempo pode se curvar, porque os relógios não podiam?. Salvador Dalí pontuou o surrealismo com suas atitudes desafiadoras em função do cenário da arte, o mesmo trazia além de representações de seus sonhos, suas fobias, desejos, personalidade e perversões. Um dos momentos dentro do movimento em questão, é o “surrealismo onírico” onde usando das técnicas mais próximas do realismo, estes mesmo artistas do movimento utilizavam a técnica mais classicista para retratar seus obscuros e improváveis sonhos, com base em Farthing (FARTHING, 2011, 426-433). Relatando a breve descrição sobre o surrealismo ter me inspirado como estudante e futura

artista/docente, desde que avistei nas aulas de arte a obra “Persistência da Memória”, nunca mais esqueci, como relata o próprio título da obra. Tenho extremo apreço por toda criatividade, e coragem em trazer as influências próprias de um mundo onírico para suas obras, e considero assim como o impressionismo outro grande passo necessário para chegarmos no ponto que estamos na arte de agora.

3.4 O expressionismo e Munch:

O Expressionismo foi um movimento artístico e cultural de vanguarda surgido na Alemanha no início do século XX, manifestou-se inicialmente através da pintura, foi um dos primeiros representantes das chamadas "vanguardas históricas". Mais do que meramente um estilo com características em comum, o Expressionismo é sinônimo uma atitude e de uma nova forma de entender a arte, que aglutinou diversos artistas de várias tendências, formações e níveis intelectuais. O movimento propondo uma arte pessoal e intuitiva, onde predominasse a visão interior do artista – a "expressão" – em oposição à mera observação da realidade – a "impressão". O expressionismo compreende a deformação da realidade para expressar de forma subjectiva a natureza e o ser humano, dando primazia à expressão de sentimentos em relação à simples descrição objetiva da realidade.

Trazendo a Ideia da Melancolia em suas obras, falando sobre animais e seres intangíveis que passam situações do cotidiano social, e desespero de viver num período contemporâneo, carregando a juventude a artista sempre admirou e se inspirou no expressionismo de Munch, que início do século XX ganha reconhecimento, com suas obras que apresentam características realistas, expressionistas e impressionistas, o pintor com seu traço único, acreditava mostrar em suas obras o seu "estado de alma", ele acreditava que as pessoas não compreendiam a seriedade e sofrimento expostos em suas obras.

O artista teve uma vida marcada por perdas e sofrimento, teve o falecimento sua mãe quando tinha cinco anos, logo depois perdeu a irmã favorita, posteriormente o grande amigo acabou morrendo, o pai suicidou-se, o outro irmão também acabou falecendo e por fim com tantas mortes, ainda teve a sua irmã mais nova que acabou enlouquecendo.

Todas as perdas e problemas são partes do sofrimento de Munch, onde ele expressa em seus quadros a "dor de existir" ao longo da vida. Um fato que o fez um artista na frente de seu tempo, foi a capacidade de mostrar o que ele sentia e o fazia escravo, sua constante melancolia. Para o artista era mais válido dar vazão ao seu estado de espírito, do que de fato se submeter as críticas. O pintor costumava dizer, que a perda da sua mãe marcou um início da angústia, este que tinha a certeza que iria viver para toda a vida. Pela morte aparecer muito cedo em sua vida, por ter a presença do desamparo e da angústia e principalmente pela constante sensação de

que teria o mesmo fim, o artista se sentia “amaldiçoado pelo destino” e viveu sua vida como se já estivesse morto.

Entre todas as perdas, a que mais o marcou foi a de sua mãe, para Edvard Munch era como se a perda citada “pairasse como uma sombra” sobre sua vida, e isto para ele ofuscava sua ligação com o mundo externo. Pouco escrevia sobre isso, entretanto constantemente representou essa dor em seus quadros.

De acordo com Sigmund Freud (2011), na melancolia é como se a sombra do objeto recaísse sobre o eu, isto abrindo uma espécie de ferida na libido, que tende a escorrer de maneira hemorrágica, o que impede a pessoa de realizar novas ou diferentes experiências de vida. Nas palavras de Munch:

Uma ave de rapina fincou suas garras em meu coração. Seu bico penetrou o meu peito. O bater de suas asas selou minha sanidade. Minha alma está partida em duas – como pombos selvagens, cada um voando em uma direção diferente. Meu pobre coração está sangrando (Ibidem: p.180).

Muito da história do artista, tive o prazer de pesquisar durante a trajetória acadêmica, o que mais me impressionou em Munch, foi a identificação que tive com ele na forma de ver a vida e a arte. Acredito na conformação da dor de existir mencionada, me considero melancólica, e toda a profundidade do artista me inspira em ver a arte como um motivo condutor.

4. Reflexões sobre a arte e aceitação do próprio cunho artístico:

No plano subjetivo que abordo, existem inúmeras reflexões que não chegam a um ponto, mas abrem o leque de perguntas e possibilidade da questão do que é arte nos dias de hoje, do campo de trabalho que ela pode abordar. Tanto no ponto de vista formal, quanto informal.

Ao se deparar com uma obra de Arte que não se sabe, muito bem, explicar o que está representado ali ou o que o artista pretendia transmitir com aquela obra. Uma certa aflição acaba por nos atingir. Principalmente quando estamos diante de obras de arte contemporâneas, Gompertz (2013) afirma que com as transformações da Arte em nossos tempos ficou cada vez mais escancarado “O problema que esse novo público enfrentou, o problema que todos nós enfrentamos ao deparar com uma nova obra de arte, é de compreensão.” (GOMPERTZ, 2013, p.15).

É complicado chegar a um consenso sobre o que se pode considerar como Arte ou não. Coli (1995) facilita um pouco nossa compreensão ao explicitar que “nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade.” (COLI, 1995, p. 10). Outro indicador é o local onde aquela obra está exposta ou manifesta-se, como galerias, museus, teatros etc. No caso de construções artísticas temos as instituições que protegem esses locais. (COLI, 1995, p. 11)

Gombrich (2013) cita que é natural gostarmos de uma obra de arte que nos transmita alguma familiaridade ou simpatia. Para o autor o grande problema que pode acontecer muitas vezes é de não gostarmos de uma obra de arte pelos motivos errados, “quando sentimos uma repulsa instintiva por uma magnífica paisagem alpina só porque não gostamos de alpinismo, que deveríamos nos questionar quanto à causa da aversão que vem estragar o prazer que, do contrário, poderíamos ter.” (GOMBRICH, 2013, p.21). Muitas vezes em nosso trabalho como artistas nos deparamos com o desgosto de nossas próprias obras, dentro de regras criadas por nós mesmo, o que Gombrich nos mostra sobre lidar com o desconhecido dentro da arte.

As questões estéticas também podem ser um ponto de partida, mas podem ao mesmo tempo apresentar-se como um obstáculo para nossa capacidade apreciação,

quando nos deparamos com obras que não necessariamente apresentem formas e temas prazerosos aos olhos, como por exemplo, obras que retratam as mazelas humanas ou representações nada fiéis a nossa realidade, mas que a retratam sob perspectivas inusitadas como as obras de Picasso. Questões como beleza, gosto ou capacidade de expressão não podem ser consideradas inteiramente válidas na composição do valor de um objeto artístico, os artistas de períodos mais antigos da história humana que ainda não possuíam todos os conhecimentos técnicos de representação com que contamos hoje, empenhavam-se igualmente em encontrar a melhor maneira de transmitir o sentimento que aquela obra se propunha a exprimir. (GOMBRICH, 2013, p. 22-26).

Mesmo com tantas reflexões acerca da aceitação do próprio trabalho artístico ou da interpretação de diferentes obras, seria impossível termos respostas objetivas, a beleza da arte está em sua subjetividade e em aceitar uma leitura que nos trás questões e não respostas definitivas ou protocolos para seguir na maior parte do tempo.

A arte enquanto campo fluido que se modifica e se reinventa constantemente, não consegue se limitar a conjuntos de regras. Todas as tentativas de tentar impor qualquer tipo de fórmula lógica a sua definição foi continuamente derrubada (GOMBRICH, 2013, p.30). A própria criação artística se coloca numa busca por um equilíbrio que somente o próprio artista consegue dizer qual é. Gombrich (2013) cita que em geral um artista raramente tem como sua preocupação central a beleza ou a expressão, durante todo o trabalho da obra artística o que se encontra são preocupações muito mais complexas e que talvez não possam nem serem devidamente exprimidas. “Ele talvez dissesse que sua preocupação central é se “ficou bom” (GOMBRICH, 2013, p. 29). Expressão essa que talvez só faça sentido para quem já tentou realizar alguma coisa, como um arranjo de flores, no exemplo do autor, e tenha tido o trabalho de encaixar intuitivamente os elementos até encontrar a composição que considere que “ficou bom”.

É esse viés intuitivo intrínseco as pretensões de cada artista que impossibilitam a existência de normas, sendo também um dos motivos pelos quais é difícil explicar a sensação de estar diante de “uma grande obra de arte”. As questões estética e de preferências podem e até mesmo devem ser debatidas, como uma busca de amplificar nossa sensibilidade no intento de compreender as obras

criadas, muitas vezes fruto de grandes esforços de criadores. (GOMBRICH, 2013, p.32)

Por isso o aprendizado da arte tem sua tamanha importância, pois ele é o guia que nos auxilia nessa viagem pela compreensão das obras e o mais importante a apreciação da arte.

5. Arte educação

A Arte-Educação se apresenta como uma possibilidade de fazer uma conexão entre essas duas instituições do pensamento humano, resgatando suas relações significativas. Ao longo da trajetória da Arte vemos que até mesmo os artistas colocam questões em relação a compreensão e apreciação de suas obras em diversos momentos, desde sua concepção, criação até o momento em que entra em contato com o público. Dentro do ensino a compreensão da Arte traz igualmente grandes desafios, “pois instauram questões também pelas associações com diversas áreas do conhecimento ” (FRANGE, 2012, p. 38).

Para Vincent Lanier (2008, p. 46) se formos sintetizar o grande objetivo da arte educação, é a capacidade que ela tem de “ampliar a qualidade da experiência estética visual.” Para o autor quando o indivíduo adentra o ambiente escolar, ele já tem formada sua experiência estética, não é papel do educador oferecer a ele, mas trabalhar a partir da perspectiva que o aluno já tem. Nesse sentido o autor faz duras críticas ao costume de trazer o fazer artístico ligado ao ambiente do ateliê para dentro da sala de aula. Somente quando o indivíduo compreende a natureza da experiência visual estética que ele pode efetivamente ampliá-la de maneira mais fácil, abrindo-se a diferentes perspectivas. (LANIER, 2008, p. 46-47)

A arte-educação quanto desenvolvedora da sensibilidade, característica tão citada por educadores atuais, deve entender que a sensibilidade que lhe compete é o desenvolvimento dos sentidos “funções orgânicas que buscam a inteligibilidade, o prazer, a sensibilidade que interessa ao ensino de Arte.” (BARBOSA, 2010, p. 99). Dentro da educação a Arte encontra-se como uma importante forma de expressão, desenvolvimento e identificação pessoal e cultural.

Barbosa (2010, p. 100) cita que um estudo realizado em Nova York na década de 1980 com adolescentes marginalizados, concluiu que sua capacidade de elaborar era pouco desenvolvida. Essa habilidade mostrou-se como um importante fator na percepção de mundo que jovens em situações desfavorecidas necessitam para encontrar saídas saudáveis de sua realidade. Através de projetos que propunham colocar esses jovens em contato com a Arte, foi constatado que sua capacidade de

elaboração era desenvolvida e implicava diretamente na melhoria de suas condições de vida.

Um grande problema que ainda persiste no ensino de Arte no Brasil, faz referência a priorização do fazer artístico em todos os níveis. Embora exista uma movimentação por parte dos professores de aplicarem métodos de ensino que são desenvolvidos por eles, inexistente a modificação estrutural dessas metodologias. Dentro da trajetória do ensino da Arte no país é possível identificar uma abordagem superficial entre teoria e prática, sendo que o ensino da disciplina de artes forma a consciência crítica e estética. Para a autora a realidade que temos no meio escolar é uma desvalorização das áreas, decorrente de todo tipo de preconceito. (MAGALHÃES, 2012, p. 179-181)

Oficialmente o ensino de Artes no Brasil foi instituído a partir da Lei n. 5.692/71, que trouxe os cursos de Licenciatura Curta, com duração de dois anos e conteúdos polivalentes, que se mostraram fracos e traziam abordagens da Arte centrado somente na prática descontextualizada. A consequência foi uma série de debates sobre o resultado insuficiente dessa legislação, que possibilitaram a formação de núcleos de arte-educadores, a Federação de Arte Educadores do Brasil (FAEB) foi um marco na organização dessas associações, com objetivos de defender o ensino de Arte nas escolas, que vive sob constante ameaça, denunciar a educação artística polivalente, garantir a pluralidade do ensino da Arte e suas reflexões junto ao campo da Filosofia, Cultura e Sociedade, e incentivar as pesquisas sobre a arte contemporânea e seu ensino. (FRANGE, 2012, p. 44-46)

O preconceito com relação ao ensino começa dentro das próprias instituições artísticas, dentro das quais era primordial que a educação se fizesse presente como um instrumento importante de formação do público. Para Barbosa (2010, p.101) existe um disfarce dos meios artísticos, sobre a realidade de desprezo referente a educação. Para a autora a lógica capitalista ainda permeia fortemente o meio artístico, no sentido que isso faz com que o acesso ao meio ainda esteja muito elitizado “Qualquer defesa da educação levanta a suspeita de pobreza no bolso e, por raciocínio primário, no espírito.” (BARBOSA, 2010, p. 102).

Nos Estados Unidos um movimento em defesa dos arte-educadores, a partir de um relatório elaborado por Eisner e Dobbs, comprovou que sua presença e a

existência das ações educativas dentro das instituições são fundamentais para a criação do público, fortalecimento e permanência destas instituições. (BARBOSA, 2010, p.103).

O arte-educador, antes de tudo como educador deve estar em um constante trabalho de reavaliação de suas próprias atitudes e saberes, em um questionamento contínuo daquilo que aprende e que ensina. O professor de Arte precisa ter um conhecimento tanto dos conceitos basilares da Arte até as sinuosidades da linguagem artística. Seu repertório deve estar ciente da produção de arte, através de seus códigos e formas, seu reflexo na cultura humana no passado e no presente, e em como essa presença existe de maneira multicultural valorizando a diversidade. (MARTINS, 2012, p. 56).

Richter (2012) também defende a multiculturalidade no ensino de Artes, afirmando que os educadores devem buscar fornecer “ambiente de aprendizagem que promovam a alfabetização cultural de seus alunos nos diferente códigos culturais, e conduzam à compreensão genérica dos processos culturais básicos e ao reconhecimento do contexto macrocultural em que a escola e a família estão imersas.” (RICHTER, 2012, p. 102). Esse viés traz um ensino da Arte que prioriza o contexto estético e cultural, valorizando o meio em que o indivíduo está inserido, amplia os conceitos de Arte e também demonstra um profundo respeito por esse contexto inserindo-o dentro do ensino.

O educador de Arte precisar ser também um pesquisador, que trabalha de maneira transdisciplinar olhando não apenas para a linguagem artística, mas também para a história, para a ciência, tecnologia, o meio ambiente, sempre abrindo os horizontes. Compreendendo e ressignificando seu papel de mediador. Segundo Martins (2012, p. 60) vários são os mediadores possíveis de existirem dentro da sociedade em uma determinada área do conhecimento, a mídia, o artista, as instituições, dentro da escola o mediador geralmente é o educador, e cabe ele entender que tipo de mediação ele pretende oferecer, porque a postura do mediador pode tanto dificultar a compreensão entre o indivíduo e o conhecimento, quanto ser facilitador e entrelaçar as experiências pessoais com conhecimento trabalhado. O papel do arte-educador enquanto mediador é de fornecer acesso, possibilitar o aprendizado cultural da Arte.

6. Considerações finais

Nesse trabalho de conclusão de curso busquei refletir sobre meu processo de criação artística imbricado com minha formação como arte-educadora, tomando em conta o diálogo entre obras autorais e a literatura consultada. Após o percurso do curso, seguindo a pegada de Gombrich (2013), é possível reconhecer-se como artista em ascendência, e agora as inúmeras possibilidades dentro do campo das artes, incluindo a arte-educação. Para autora, após inúmeras reflexões presentes, há uma reconciliação consigo mesma e com a ideia de percorrer esse caminho sem fim definitivo, com novas pesquisas diariamente, conciliando com a ideia de duração com a de efemeridade. Por muito tempo a autora rasgou sistematicamente seus desenhos, jogou fora pinturas, esculturas, fotografias. Com seus estudos sobre arte aprendeu a aceitar a mudança, a perda das coisas e a ideia de que talvez algumas coisas não tenham um exato final, elas podem ser alteradas com muitas modificações. Exemplos dessa natureza são fartos na história da arte.

Ao final desse percurso, é possível reconhecer que a via da aceitação e exploração do processo criativo artístico, é chave para o autoconhecimento e autorização do educador em arte, ou arte-educador. A conjugação entre arte e educação, por fim, é potente na rota de transformação positiva da pessoa humana, e talvez imprescindível para a produção de transformações urgentes no mundo contemporâneo.

7. Referências Bibliográficas

BARBOSA, A. M. **Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas.** In: BARBOSA, A. M. Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais. 3o ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 98-112

CIVITA, Victor. **Mestres da Pintura: Renoir.** São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1977.

COLI, Jorge. **O que é Arte.** 15a ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1995

FARTHING, **Tudo sobre Arte:** Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos. 1a ed. Rio de Janeiro. Sextante.2011. p. 426-432.

FRANGE, L. B. P. Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões? In:

BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** 7o ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 37-51

Freud, S. (2006). **Luto e Melancolia.** In Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. (Vol. 2, pp. 99-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1915])

GOMBRICH, E. H. **A história da Arte.** Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOMPERTZ, Will. **Isso é arte?:** 150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LANIER, Vincent. **Devolvendo arte à arte-educação.** In: BARBOSA, A. M. T.

Arte-educação: leitura no subsolo. 7o ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-58

MAGALHÃES, A. D. T. V. **Ensino da Arte:** perspectivas com base na prática de

ensino. In: BARBOSA, A. M. Inquietações e mudanças no ensino da arte. 7o ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 179-194

MARQUES, R. **Tempos modernos:** poetas melancólicos. Revista do centro de Estudos Portugueses, FALE/UFMG, v.22, no 31, p. 13-25, jul.-dez. 2002.

MARTINS, M.C. **Aquecendo uma transforma-ção:** atitudes e valores no ensino de Arte. In: BARBOSA, A. M. Inquietações e mudanças no ensino da arte. 7o ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 52-65

RICHTER, I. M. **Multiculturalidade e interdisciplinaridade.** In: BARBOSA, A. M. Inquietações e mudanças no ensino da arte. 7o ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 95-104

ZANCHETTA, Luciene. **Impressionismo:** 230 anos de luz. Ciência e Cultura. São Paulo, v. 56, n. 3, jul/set. 2004.